

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"JOVENS E VELHOS, RADICAIS E MODERADOS :
COMENTÁRIO SOBRE UM TEMA COMUM A JOSEFO E
TUCÍDIDES"**

UFOP - IV CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS / XII REUNIÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS - SBEC, 5-10 DE AGOSTO
2001

"ANTIGÜIDADES"

Vicente Dobroruka

HIS / UnB



Resumo / abstract

O paper aborda um tema comum à Flávio Josefo e Tucídides, o da caracterização de líderes radicais e moderados, que em Tucídides surgem no contexto da expedição siciliana, como jovens e velhos. A apropriação do tema conduz ainda a questões relativas ao peso da tradição clássica na obra de Josefo, especialmente no que respeita às suas semelhanças com Tucídides e à caracterização trágica dos personagens envolvidos no levante de 67. A comunicação conclui com a idéia de que, se não encontramos em Josefo a sutileza de Tucídides na caracterização de seus personagens, por outro lado não se pode supor, da parte de Josefo, um uso imprudente e pouco informado da *Guerra do Peloponeso*.



Jovens e velhos, radicais e moderados: comentário sobre um tema comum a Josefo e Tucídides

*Quando vejo estes jovens sentados aqui atendendo ao apelo desse homem, sinto medo; e faço um contra-apelo aos mais idosos, se algum estiver sentado ao lado de qualquer deles, para não se envergonharem de parecer covardes se não votarem pela guerra e, embora este possa ser seu sentimento, para não mostrarem um apetite mórbido pelo que está fora de seu alcance, cientes de que poucos sucessos são obtidos pela paixão, mas muitos pela ponderação [...]*¹

Assim falou Nícias na tentativa de exortar os atenienses a desistirem da conquista da Sicília, preconizada pelo ambicioso Alcibiades e fadada ao fracasso pelo gigantismo de seu projeto. O trecho compõe um dos mais famosos discursos de Tucídides; a idéia geral da oposição entre a sensatez da velhice oposta à ambição escandalosa da juventude encontrará paralelo na *Guerra dos judeus* de Flávio Josefo (BJ). Todavia, para o historiador judeu a oposição, sob muitos aspectos idêntica à do historiador grego, se dará não entre dois grupos definidos em termos de faixa etária mas entre radicais e moderados. Em Tucídides, pelo contrário, é o próprio tecido político da cidade que se rompe, na medida em que os sucessores de Péricles não estão à sua altura e dão vazão a todos os desvarios da massa urbana².

As apropriações da obra de Tucídides por Josefo são muitas. Na verdade, o historiador da Guerra do Peloponeso parece ter sido, em termos gerais, o autor mais apreciado na Antigüidade dentro de seu gênero. O recurso aos

¹ tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. 6.13.

² Idem, 2.65. Cf. Jacqueline de Romilly. *História e razão em tucídides*. Brasília: EDUnB, 1998. O tema é especialmente caro à análise de Tessa Rajak. *Josephus*. London: Duckworth, 1983. P.90 ss.



discursos de personagens em especial foi amplamente imitado, sendo encontrado praticamente em todos os historiadores antigos³. Em linhas gerais, a explicação de Josefo para a guerra coloca ênfase, do ponto de vista da apresentação formal do seu texto, nos pecados e excessos dos revoltosos. Uma leitura cristã posterior faria dessa constatação a glória das passagens em que se faz menção à Jesus Cristo na obra de Josefo⁴; mas não é isso o que Josefo tem em mente. Para ele, os "crimes" dos revolucionários dizem respeito, essencialmente, ao derramamento de sangue nas dependências do Templo.

Um paralelo importante entre as concepções de Tucídides e de Josefo quanto à radicalização política como causa e simultaneamente consequência da falência da coesão política da cidade encontra-se no episódio de Tucídides em que os moderados corcíreus são engolidos pelos radicais⁵:

Tais foram os excessos de crueldade a que a revolução levou, e eles pareceram ainda mais brutais porque foram os primeiros a ocorrer [...] Com efeito, em tempo de paz não teriam pretexto nem ousadia para pedir a intervenção, mas agora que as duas alianças estavam em guerra, cada facção nas várias cidades, se desejava uma revolução, achava fácil recorrer à aliados, para de um só golpe fazer mal aos adversários e fortalecer sua própria causa.

Josefo retoma o tema em BJ 2.320, quando dos tumultos subseqüentes à entrada em Jerusalém das tropas de Gêssio

³ Segundo Frank W. Walbank, Cratipo e Pompeius Trogus são as únicas exceções entre os historiadores antigos (cf. *Speeches in Greek Historians. The Third J.L. Myres Lecture*. Oxford: Blackwell, /s.d./ P.1 ss.). Mas isso é tema de outro paper apresentado neste congresso, que discute o assunto em profundidade.

⁴ O chamado *Testimonium Flavianum* (AJ 18.63-64); a questão da autoria das passagens por Josefo é incerta e constituiu, na verdade, uma das grandes questões de crítica nos primórdios dos estudos "modernos" da Antigüidade. Apenas a título de referência, cf. John Meier. *Um judeu marginal*. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

⁵ *Guerra do Peloponeso*. 3.82. Cf. ainda Rajak, op.cit. p.84 ss.



Flora em junho de 66, logo depois da reação judaica à sua tentativa de utilizar dinheiro do Templo⁶:

Os sacerdotes principais, enquanto isso, tendo reunido o povo em assembléia no templo, exortavam-no a encontrar os romanos que vinham, e a saudá-los com cortesia para evitar um desastre irremediável. O partido favorável à guerra recusou-se a escutar esse conselho, e a multidão, influenciada pela memória dos mortos, inclinou-se pela política mais agressiva. Então todos os sacerdotes [...] caíram de joelhos e imploraram à multidão que preservasse [os vasos sagrados do Templo], e que impedissem seu saque pelos romanos [...]

Os crimes dos revolucionários aparecem descritos de forma bastante desagradável: o assassinato dos ricos que engoliram suas jóias para evitar o roubo é considerado por Josefo como o episódio mais monstruoso, individualmente, entre todos os eventos da guerra; o cúmulo dos crimes dos rebeldes é, entretanto, a profanação do Templo, com o derramamento de sangue humano em seu interior⁷.

Todavia, o uso de trechos de Tucídides por Josefo e um paralelo entre explicações historiográficas são pouco para justificar o tema deste paper. Josefo utiliza, afinal, muitos outros autores clássicos⁸. O vínculo mais claro entre Tucídides e Josefo, no que diz respeito à partilha por ambos de instrumentos explicativos comuns é o conceito de *stasis*. Aqui também o uso de um conceito grego por

⁶ Cf. também BJ 2.442;4.158.

⁷ BJ 7.260-264.

⁸ Para uma relação parcial do uso de autores clássicos em BJ, cf. a "Introdução" de Henry Thackeray à edição da Loeb Classical Library da *Guerra dos judeus*, pp.XVII-XIX (Cambridge / London: Harvard University Press, 1928-1997). É de se assinalar o paralelo entre Josefo e Tucídides no que diz respeito à queda de Jotapata (semelhante à recepção ateniense do fracasso da expedição siciliana, BJ 3.432; Tucídides 8.1) e no discurso de Herodes aos seus soldados após o terremoto de 31 a.C. (BJ 1.373; Tucídides 2.60 ss.) e ainda Georg Misch. *A History of Autobiography in Antiquity*. 2 vols. London: Routledge and Kegan Paul, 1950).



Josefo torna-se problemático, enquanto que em Tucídides o mesmo termo revela-se totalmente lógico; o historiador grego adota um modelo hipocrático de entendimento do funcionamento do corpo político (que supõe que as doenças ocorrem em função de um desequilíbrio corporal interno), enquanto que Josefo as imagina como punição divina pelo pecado⁹. Não haveria aí maiores problemas, não fosse o fato de Josefo utilizar em sua explicação o conceito de *stasis* sem matizes ou precauções.

O tema do radicalismo da liderança ateniense surge em Tucídides essencialmente vinculado à figura dos demagogos, em especial ao arrivismo de Alcibiades que, em sua carreira espetacular, encarna as contradições e limites da Atenas democrática e imperialista do séc.V; não emerge do quadro composto por Josefo nenhum líder de estatura semelhante do lado dos rebeldes. Convém notar que Ananus é chamado por Josefo, em BJ 4.210; 319-321, de líder do *demos*; igualmente, o tratamento dado por Tito a Simão bar Guiora é relativamente honroso, uma vez que ele foi poupado para execução durante o triunfo, em Roma (BJ 7.19).

De todo modo, Josefo e Tucídides partilham outra crença além de imputarem a responsabilidade pelo desenvolvimento da guerra à grupos extremistas: a idéia de que por trás dos eventos aparentes há causas profundas em operação. Também aqui Josefo mostra-se um eco confuso de Tucídides: embora os insultos sobre os rebeldes de Jerusalém sejam semelhantes aos juízos de Tucídides sobre os incapazes líderes de Atenas, o historiador grego sabe que Alcibiades, Cleon e Nícias, em toda a sua inabilidade, são produtos típicos da cidade; Jacqueline de Romilly toca na

⁹ Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia. As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. Pp. 108-109. Josefo fala de uma "doença" na Judéia após o ano 6, que levou os ricos a oprimir as massas e as massas a saquearem os ricos (BJ 7.260-1).



questão ao dizer que "aparentemente as pessoas simples, em toda e qualquer democracia, correm o risco de se sentir atraídas por uma vulgaridade que lhes parece familiar e alentadora"¹⁰. A tentativa de Josefo isentar parcelas significativas dos judeus da responsabilidade na guerra resulta, em contrapartida, desastrada e pouco convincente. Uma possível explicação para essa discrepância talvez resida no peso do elemento religioso como motivador da revolta e animador da guerra entre os judeus, elemento virtualmente ausente do texto de Tucídides¹¹.

Um modo de encaminhar nossa discussão acerca dos paralelos entre o entendimento do radicalismo político entre Tucídides e Josefo reside na análise da influência, em termos literários, dos autores gregos em geral e de Tucídides em particular sobre Josefo. Nesse sentido, mais do que indicar mera cópia ou o uso despudorado de temas clássicos gregos por assistentes pouco inspirados, os paralelos podem mostrar um Josefo entusiástico com a cultura grega, e em especial com a tragédia¹². Em

¹⁰ Jaqueline de Romilly. *Alcibiades ou os perigos da ambição*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. P.25 ss. Os *cavaleiros*, de Aristófanes, trata exatamente dessa "vulgaridade democrática" (126-145, onde sucedem-se na cidade, de acordo com um oráculo, um mercador de estopas, um de carneiros, e por fim um salsicheiro; este último não possui qualquer instrução).

¹¹ É de se notar aqui o peso das formulações religiosas para o entendimento dos fatores econômicos ligados à eclosão da guerra. Cf. Shimon Applebaum. "Josephus and the Economic Causes of the Jewish War" in: Louis Feldman e Gohei Hata (eds.). *Josephus, the Bible and History*. Detroit: Wayne State University Press, 1989.

¹² Para tal, é especialmente importante o artigo de Jonathan Price, "Drama and history in Josephus' BJ" (*paper* apresentado na sessão de 1999 do seminário da SBL sobre Josefo, York University, Toronto; disponível em <http://www.josephus.yorku.ca/links-articles.html>); é um artigo especialmente útil, embora detenha-se no enredo trágico com que é apresentada a saga da família de Herodes em sua sucessão dinástica (BJ 1.431 ss.). Entre os diversos estudiosos que trilham esse caminho deve-se destacar Louis Feldman. "The Influence of Greek Tragedians on Josephus" in: Asher Ovadiah. *Hellenistic and Jewish Arts: Interaction, Tradition and Renewal*. 1998. Pp.51-80; há ainda uma tese doutoral sobre o assunto, à qual não tive acesso, que tem recebido os maiores elogios (Honora Chapman. "Spectacle and tragedy in Josephus' *Bellum judaicum*". Stanford University, 1998).



Tucídides, a idéia de que a *História da Guerra de Peloponeso* foi concebida como uma tragédia teve em Francis M. Cornford um de seus grandes defensores, embora como tese geral a idéia não tenha ganho aceitação universal¹³. A aproximação entre historiografia e tragédia, no que diz respeito ao peso de Tucídides na obra de Josefo leva ainda à das relações entre ambas quanto aos diálogos, que muitos já afirmaram serem equivalentes ao diálogo entre protagonista e coro¹⁴, e nos afastaria do tema central deste artigo.

Josefo, como é uso comum entre os historiadores antigos, serve-se do prólogo de sua obra para esclarecer os pontos de vista que adotará na análise propriamente dita dos eventos. Dessa forma, a insensatez e crueldade do radicalismo judaico são contrastados com a benevolência romana em BJ 1.27:

Descreverei o tratamento brutal dispensado pelos tiranos à seus compatriotas, e a clemência dos romanos quanto à uma raça que lhes é estranha [...] Farei distinguir os sofrimentos e calamidades do povo, culminando em sua derrota, como sendo atribuíveis respectivamente à guerra, à sedição [thj stasewj] e à fome.

De todo modo, os grandes "vilões" de Josefo não têm a sutileza psicológica dos demagogos de Tucídides; entre os personagens de Josefo, os poucos que mostram perfis sofisticados e cheios de nuances são aqueles envolvidos com Herodes e sua corte, sendo de se destacar aí o espartano Euricles e o filho conspirador de Herodes, Antípatro; mas nenhum deles tem participação direta nos

¹³ *Thucydides Mythistoricus*. 1907. Cit. por Price, op.cit.

¹⁴ Michael Grant. *The Ancient Historians*. New York: Charles Scribner's Sons, 1970. P.92.



eventos que conduzirão à 67. Ficamos com personagens muito mais simplórios para os eventos diretamente ligados à guerra, aos quais corresponde uma caracterização igualmente simplória, como Simão bar Guiora, Justus de Tibérias, Ananus ou Eleazar ben Yair¹⁵. Como conclusão, devo ressaltar que a utilização do conceito de *stasis* por Josefo, bem como sua caracterização dos líderes radicais favoráveis à guerra colaboram para a construção de um quadro muito mais complexo e confuso do que o que Tucídides nos oferece. Josefo sabe e mostra, em diversas passagens de BJ, que o radicalismo dos rebeldes por si só não explica a guerra contra Roma. Por outro lado, em Tucídides temos uma reflexão qualitativamente mais sofisticada quanto à natureza da vida política e quanto à razão de ser do expansionismo ateniense. Em Josefo os rebeldes, por mais que estejam caracterizados à moda da *Guerra do Peloponeso*, têm de dividir com outros fatores étnicos, políticos, religiosos e econômicos o fardo da guerra.

¹⁵ É de se notar aqui que a caracterização de Herodes deve, em medida indefinida, muito ao que dele escreveu seu secretário particular Nicoiau de Damasco, amplamente utilizado por Josefo. Eleazar mostra grande capacidade de argumentação em seu discurso de Masada, mas a artificialidade retórica do episódio é inegável e, se mostra sutileza psicológica, o faz quanto a Josefo e não quanto ao suposto autor do discurso.